

PORTUGAL E ESPANHA: A CRISE EUROPEIA

por Mário Soares

Sou português (patriota) mas também ibérico e europeu. Ibérico porque apesar de Portugal ser muito cioso da sua independência - sendo um Estado com quase nove séculos de história - sempre pertenceu à Península Ibérica, onde se falam aliás várias línguas irmãs.

Portugal e Espanha entraram no mesmo dia, 12 de Junho de 1985, na então CEE, em duas cerimónias inesquecíveis que tiveram lugar nos Jerónimos, em Lisboa e, depois, no Palácio do Oriente, em Madrid. Foi o início de uma nova fase na história dos dois Estados Ibéricos e das respectivas populações. O exemplo ibérico das transições democráticas pacíficas, foi muito estimulante para os Estados ibero-americanos e não só. Teve efeitos positivos noutros Continentes.

Os Estados Unidos convenceram-se, finalmente, que o combate ao comunismo nas ditaduras ocidentais, não se fazia utilizando ditaduras de sinal contrário mas, ao invés, ajudando os que combatiam pela democracia. Foi o que, finalmente, aconteceu em Portugal e Espanha e depois, em grande quantidade, aos Estados Ibero-Americanos.

A partir daí, Espanha e Portugal, convergiram nas suas políticas internas e externas e no excelente relacionamento peninsular. Tornaram-se Estados irmãos e convergentes, sem fronteiras, ajudando a criar a Comunidade Ibero Americana, onde se fala espanhol e português, idiomas próximos, o que nos permite um entendimento recíproco, falando cada um a sua própria língua. Ou seja, formamos uma Comunidade Linguística, com raízes, tradições e culturas muito próximas de cerca de um bilião e trezentos milhões de ibero-falantes, um pouco mais de dez por cento da população mundial. O que - note-se - não é pequena coisa.

A União Europeia onde Espanha e Portugal estão integrados, de pleno direito, desde há vinte e cinco anos, ajudou-nos muito, incontestavelmente. Somos ambos países incomparavelmente mais desenvolvidos do que éramos no tempo das ditaduras. Contudo, a União nunca quis compreender o peso político, cultural e, até económico que, em conjunto, representamos. Ainda que - reconheçamo-lo - as intrigas e divisões que, no passado, sobretudo o Reino Unido e Alemanha, sempre quiseram estabelecer, entre os dois Estados peninsulares, tenham em absoluto acabado.

Entretanto, o Mundo mudou profundamente e continua em acelerada mudança. As relações de força, entre os diferentes países, ou blocos de países, também mudaram radicalmente. Vivemos hoje num Mundo multicultural e multilateral - e não bilateral - onde os colossos emergentes como o Brasil, a Rússia, a Índia e a China (os chamados BRIC's) e outros mais - contam muito e não só eles. Alguns outros, em todos os Continentes. Num Planeta com uma globalização financeira e económica desregulada, onde o Mundo Ocidental, afastado dos seus valores éticos e políticos, parece começar a entrar em perigosa decadência...

É tempo de Espanha e Portugal, que têm políticas externas convergentes e internas complementares, ambos Estados-membros de uma União Europeia hoje, sem bússola nem rumo, erguerem a sua voz e dizerem de sua justiça. A verdade é que a unidade e a solidariedade entre todos os Estados-membros da União, parece estar a desaparecer, bem como a própria identidade do projecto europeu, baseado na paz, na democracia e no bem-estar dos europeus, com realce para os contratos social e ambiental. Divididos entre os que aderiram ao euro e ao espaço Schengen (16 em 27 Estados) e os que não aderiram, mas também entre os que mandam (através da ficção das instituições de Bruxelas), a Alemanha da Chanceler Merkel, através do Banco Central Europeu e um pouco ainda, talvez, a França, e os outros que estão estranhamente calados, seguindo, sem protesto, o que lhes é recomendado.

Sucede que a política do Banco Central Europeu e da Comissão, decididamente economicista, no sentido em que segue os interesses especulativos dos mercados, sem nome nem rótulo, e nos impõe cortes brutais no plano social, ambiental, cultural e mesmo educacional. Para quê? Com o objectivo único de reduzir os deficits e os endividamentos externos (de que os especuladores foram,

em parte, responsáveis), estando, assim, a arrastar-nos para uma recessão económica perigosíssima. Além da paralisia política.

Espanha e Portugal estão entre as vítimas - entre muitos outros, até chegar à Alemanha - desta estratégia obsoleta delineada pela Senhora Merkel e pelo BCE, acompanhada pela Comissão Europeia. Foram eles que nos impuseram medidas duríssimas para os nossos respectivos Povos. Não as pudemos evitar, de momento, para não ficarmos financeiramente asfixiados.

Mas não devemos nem podemos ficar calados. É tempo de levantar a voz, de dizer basta e de exigir um debate europeu a sério e transparente, para o Povo Europeu compreender para onde está a ser levado, pelos actuais líderes europeus. A Península Ibérica tem autoridade e peso mundial para o fazer. Zapatero e Sócrates, na minha modesta opinião, deviam entender-se, nesse sentido, de modo a serem os primeiros a denunciar o caminho perigosíssimo para onde está a ir a União Europeia, antes do fim do ano e que seja tarde. De modo a serem ouvidos - e acompanhados - pelo Povo Europeu, pelos Deputados do Parlamento Europeu e talvez entre alguns dos burocratas de Bruxelas.

Trata-se de evitar que a União entre em desagregação - movimento que começa a esboçar-se - por causa das dificuldades do euro e de uma certa tendência nacionalista. O que será inevitável se a União não mudar de política, ou melhor, como diz Obama: de um novo paradigma de crescimento.

Lisboa, Dezembro de 2010